

DENOMINAÇÕES PARA LOMBO NO PORTUGUÊS FALADO NO NORTE E NORDESTE DO BRASIL: CONTRIBUIÇÕES DO ALiB

Karoline Espíndola¹
Felício Wessling Margotti²

Resumo: A presente pesquisa, ancorada nos fundamentos da Dialectologia Pluridimensional e Relacional (Thun, 1998), tem como objetivo analisar, de forma inédita, as variantes lexicais registradas para a pergunta 75 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB (Cardoso et al., 2014a, 2014b), no campo semântico Fauna: “[como se chama] a parte do cavalo onde vai a sela?”. Para tanto, foram utilizados os dados de 408 entrevistas realizadas nas Regiões Norte e Nordeste do país. As cartas, tabelas e gráficos foram gerados com o auxílio do programa SGVclin (Seabra; Romano; Oliveira, 2014) e, como resultado, verificou-se a diferença dialetal no predomínio do uso das variantes *lombo* e *costas* nas respostas dos informantes de cada região.

Palavras-chave: Projeto ALiB; *Lombo*; Variação Lexical; Região Norte; Região Nordeste.

Denominations for *loin* in Portuguese spoken in the North and Northeast of Brazil: Contributions of the ALiB

Abstract: The present research, anchored in the foundations of Pluridimensional and Relational Dialectology (Thun, 1998), aims to analyze, in an unprecedented manner, the lexical variants recorded for question 75 of the Semantic-Lexical Questionnaire (QSL) of the ALiB Project (Cardoso et al., 2014a, 2014b), within the semantic field of Fauna: “[what is] the part of the horse where the saddle goes called?” To this end, data from 408 interviews conducted in the Northern and Northeastern regions of the country were utilized. The maps, tables, and graphs were generated with the aid of the SGVclin program (Seabra; Romano; Oliveira, 2014) and, as a result, a dialectal difference in the predominance of the use of the variants *lombo* and *costas* in the respondents' answers from each region was observed.

Keywords: ALiB Project; Loin; Lexical variation; North Region; Northeast Region.

INTRODUÇÃO

A variação linguística é um fenômeno comum a todas as línguas do mundo e se refere às diferentes formas de expressão linguística que ocorrem em uma

¹ Doutoranda em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina, karol_espindola17@hotmail.com

² Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina aposentado, felicio.margotti@gmail.com

língua em uso por uma comunidade de falantes, resultantes de diversos fatores linguísticos e extralinguísticos como, por exemplo, línguas em contato, constituição do léxico, ocupação histórica do espaço geográfico onde a língua é falada, idade e sexo dos falantes, migrações, entre outros. A diversidade linguística não apenas enriquece a forma como nos comunicamos, mas também revela características profundas sobre a cultura, identidade e história de um povo.

Entre as variações linguísticas existentes, em diversos níveis da gramática, há também a variação lexical, situação em que diferentes palavras são utilizadas para se referir a um único significado. A variação é resultado de escolhas dos falantes associadas a uma série de fatores, incluindo aspectos regionais, culturais, sociais e históricos. Por exemplo, termos específicos podem ser mais prevalentes em determinadas regiões geográficas ou entre grupos sociais específicos. Além disso, a variação lexical pode refletir mudanças sociais e tecnológicas, à medida que novos termos são introduzidos para descrever conceitos emergentes ou produtos inovadores.

Isso posto, este artigo, baseado nos fundamentos teórico-metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional (Thun, 1998), busca apresentar a análise dos dados relativos à pergunta de número 75: “[Como se chama] a parte do cavalo onde vai a sela?” do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB, nas Regiões Norte e Nordeste do país, demonstrando, assim, o comportamento dos falantes em relação à escolha dos léxicos.

Este trabalho estrutura-se da seguinte maneira: breve revisão da literatura; metodologia; análise dos dados, começando pela Região Norte, seguida da Região Nordeste, contendo tabelas que informam a produtividade das variantes; cartas diatópicas em que é possível visualizar a distribuição geográfica das variantes; gráfico por faixa etária e por sexo para verificar se esses parâmetros influenciam nas escolhas lexicais dos informantes; e, por fim, dicionarização das variantes encontradas nas regiões estudadas para, deste modo, entender melhor as escolhas lexicais dos falantes, seguida das considerações finais e referências.

O PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB)

A partir do Decreto 30.643, datado de 20 de março de 1952, os estudiosos dos dialetos brasileiros passaram a manifestar interesse na criação de um atlas linguístico abrangente do Português Brasileiro. Dado que a elaboração de um

atlas englobando todo o território nacional demandava significativos recursos humanos e financeiros, os estudiosos optaram por fazê-lo em etapas, prevenendo-se, então, a elaboração de atlas regionais. Como resultado disso, foi inicialmente elaborado o Atlas Prévio do Faiares Baianos (Rossi et al., 1963), Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (Ribeiro et al., 1977), Atlas Linguístico da Paraíba (Aragão; Bezerra de Menezes, 1984), Atlas Linguístico de Sergipe (Ferreira, 1987), Atlas Linguístico do Paraná (Aguilera, 1994), Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS, 2011, v. 1 e 2), a que se seguiram outros, tanto estaduais quanto de pequeno domínio. No entanto, somente em 1996, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)³ finalmente se concretizou.

Utilizando a Geolinguística contemporânea para abordar a variação espacial ou diatópica e fatores sociais, seus principais objetivos incluem: descrever a realidade linguística do Brasil, oferecer auxílio aos estudiosos da língua para o aprimoramento do ensino/aprendizagem, colaborar com seu extenso volume de dados no desenvolvimento de dicionários, gramáticas e livros didáticos, entre outros.

Após anos de pesquisas, durante o III Congresso de Dialectologia e Sociolinguística (III CIDS), realizado em Londrina, em outubro de 2014, foram lançados os dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil, publicados pela EDUEL. O primeiro volume contém a Introdução e o segundo volume, 159 mapas linguísticos, fornecendo dados de 25 capitais estaduais. Já o volume 3 foi lançado em novembro de 2023, também pela EDUEL, durante a 15ª edição do WorkALiB, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), e abarca, por meio de 32 trabalhos, comentários às cartas linguísticas publicadas no volume 2 do referido Atlas. Atualmente, estão sendo elaborados os volumes 4 e 5, ainda com dados referentes às capitais.

DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL

A Dialectologia Pluridimensional e Relacional é um campo de estudo da linguística que investiga a diversidade e a variação da língua em diferentes níveis, indo além das tradicionais fronteiras geográficas para considerar um conjunto de dimensões e respectivos parâmetros que influenciam a linguagem. Conforme Cardoso (2002, p. 1), “identificar, descrever e situar os diferentes usos em que

³ Para mais informações sobre o Projeto ALiB, acesse: <https://alib.ufba.br/>

uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”, é uma abordagem que reconhece que a variação linguística não é apenas uma questão de região geográfica, mas também diretamente ligada a fatores como classe social, gênero, idade, entre outros.

A Dialectologia Pluridimensional e Relacional enfatiza a importância da análise qualitativa e quantitativa dos dados linguísticos, o que é fundamental para uma compreensão abrangente da variação linguística e dos processos que a influenciam, tornando-a uma ferramenta essencial para estudiosos interessados na diversidade linguística e cultural. Thun (1998) demonstra a necessidade de ultrapassar as limitações das análises unidimensionais integrando as análises diatópicas com os aspectos de outras variáveis sociolinguísticas. Levando isso em consideração, o modelo proposto por ele contempla oito variáveis extralinguísticas correlacionadas nas análises geolinguísticas, sendo elas:

Diatópica: Considera a distribuição espacial dos falantes;

Diastrática: Considera a variação linguística conforme a classe social, escolaridade e ocupação profissional;

Diassexual: Considera a variação linguística pelo gênero;

Diageracional: Relaciona as variações linguísticas com a idade dos falantes e as mudanças ao longo do tempo;

Diatópico-cinética: Analisa as variações linguísticas baseada na mobilidade espacial e fluxos migratórios dos falantes;

Dialingual: Analisa a influência das línguas em contato;

Diafásica: Analisa o contexto de comunicação dos falantes, como formalidade do discurso e o nível de interação com canais de comunicação;

Diarreferencial: Analisa a variação linguística com relação aos tópicos e temas abordados.

Thun também propõem a integração de análises das dimensões linguísticas, enfatizando a importância da criação de mapas fonológicos detalhados, identificação de padrões morfológicos específicos de determinadas áreas geográficas, as influências culturais e históricas sobre o léxico regional e as práticas comunicativas relacionadas a contextos sociais e culturais específicos, bem como

uma coleta de dados robusta com questionários padronizados para obtenção de dados consistentes e comparáveis, entrevistas detalhadas com nativos a fim de explorar variações pragmáticas e contextuais, registros de fala espontânea e monitorada para análises fonéticas e fonológicas e a utilização de ferramentas de geolocalização para relacionar os dados a coordenadas geográficas precisas.

Assim, a Dialetoologia Pluridimensional e Relacional fornece uma visão mais rica dos dialetos e da variação linguística do que as abordagens tradicionais.

LÉXICO

O léxico de uma língua desempenha um papel fundamental na comunicação humana e na construção da identidade linguística de uma comunidade. Conforme Biderman (2001, p.14), “o léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história”. Essa afirmação ressalta a importância central do léxico na expressão de ideias, sentimentos e conceitos em todas as esferas da vida cotidiana.

Além disso, o léxico não é estático, mas sim dinâmico, sujeito a mudanças ao longo do tempo devido a fatores como inovação cultural, migração, empréstimos linguísticos e evolução tecnológica. Esse crescimento e expansão da dimensão lexical está associado ao “[...] gigantesco progresso técnico e científico, da rapidez das mudanças sociais provocadas pela frequência e intensidade das comunicações e da progressiva integração das culturas e dos povos[...].” (Biderman, 2001, p.15).

O léxico é um componente que se relaciona estreitamente com o conhecimento do mundo, e as unidades lexicais são criadas a partir da necessidade dos grupos sociais. Nesse sentido, o ato de classificar seres e objetos não ocorre de modo aleatório, uma vez que o processo classificatório obedece a leis grupais, com base em critérios de semelhanças e distinções, aspectos indispensáveis para determinar as entidades e os conceitos.

METODOLOGIA

O corpus utilizado neste estudo é composto por 408 entrevistas, realizadas pelos pesquisadores do ALiB⁴, sendo 96 delas efetuadas em 24 localidades da Região Norte e 312, em 78 localidades da Região Nordeste, conforme Tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição das localidades por região

| Região | Estados | Localidades |
|----------|-----------|---|
| Norte | Amapá | Oiapoque (01) e Macapá (02). |
| | Roraima | Boa Vista (03). |
| | Amazonas | São Gabriel da Cachoeira (04), Tefé (05), Manaus (06), Benjamin Constant (07) e Humaitá (08). |
| | Pará | Soure (09), Óbidos (10), Almeirim (11), Belém (12), Bragança (13), Altamira (14), Marabá (15), Jacareacanga (16), Conceição do Araguaia (17) e Itaituba (18). |
| | Acre | Cruzeiro do Sul (19) e Rio Branco (20) |
| | Rondônia | Porto Velho (21) e Guajará-Mirim (22). |
| | Tocantins | Pedro Afonso (23) e Natividade (24). |
| Nordeste | Maranhão | Turialva (25), São Luís (26), Brejo (27), Bacabal (28), Imperatriz (29), Tuntum (30), São João dos Patos (31), Balsas (32) e Alto Parnaíba (33). |
| | Piauí | Teresina (34), Piripiri (35), Picos (36), Canto do Buriti (37) e Corrente (38). |
| | Ceará | Camocim (39), Sobral (40), Fortaleza (41), Ipu (42), Canindé (43), Crateús (44), Quixeramobim (45), Russas (46), |

⁴ Os procedimentos estabelecidos para as entrevistas, utilizados no levantamento do *corpus*, estão descritos no Documentos 4 do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, 2013, p. 40-47.

| | | |
|--|---------------------|---|
| | | Limoeiro do Norte (47), Tauá (48), Iguatu (49) e Crato (50). |
| | Rio Grande do Norte | Mossoró (51), Angicos (52), Natal (53), Pau dos Ferros (54) e Caicó (55). |
| | Paraíba | Cuité (56), Cajazeiras (57), Itaporanga (58), Patos (59), Campina Grande (60) e João Pessoa (61). |
| | Pernambuco | Exu (62), Salgueiro (63), Limoeiro (64), Olinda (65), Afrânio (66), Cabrobó (67), Arcoverde (68), Caruaru (69), Recife (70), Floresta (71), Garanhuns (72) e Petrolina (73). |
| | Alagoas | União dos Palmares (74), Santana do Ipanema (75), Arapiraca (76) e Maceió (77). |
| | Sergipe | Propriá (78), Aracaju (79) e Estância (80). |
| | Bahia | Juazeiro (81), Jeremoabo (82), Euclides da Cunha (83), Barra (84), Irecê (85), Jacobina (86), Barreiras (87), Alagoinhas (88), Seabra (89), Itaberaba (90), Santo Amaro (91), Santana (92), Salvador (93), Valença (94), Jequié (95), Caetité (96), Carinhanha (97), Vitória da Conquista (98), Ilhéus (99), Itapetinga (100), Santa Cruz Cabrália (101) e Caravelas (102). |

Fonte: Projeto Atlas Linguístico do Brasil

Em cada uma dessas localidades, foram entrevistados quatro informantes de nível fundamental, sendo dois homens e duas mulheres, divididos em duas faixas etárias: faixa I, que vai dos 18 aos 30 anos, e faixa II, dos 50 aos 65 anos. Nas capitais, foram entrevistados mais quatro informantes com nível superior pertencentes à mesma divisão de faixa etária e sexo detalhada anteriormente, porém, para que as análises não fossem prejudicadas, os dados referentes a essas entrevistas não foram considerados, pois o número de informantes com nível

superior é inferior ao número de entrevistas com informantes de nível fundamental. Das variáveis extralinguísticas elencadas por Thun (1998), e resenhadas anteriormente, apenas as dimensões diatópica, diageracional e diassexual foram consideradas neste estudo.

Para a análise dos dados, foram consideradas até cinco respostas por informante, o que explica o fato de o número de ocorrências ser superior ao número de entrevistados. As variantes com mais de cinco registros receberam um rótulo à parte, já as variantes com menos de cinco ocorrências foram agrupadas no rótulo *outras*. Por fim, o rótulo *RP* (respostas prejudicadas) abarca os casos em que o informante não lembrou, não soube ou quando a resposta não foi obtida por algum dos seguintes motivos: áudio incompleto, áudio prejudicado ou quando a questão não foi formulada pelo inquiridor.

Utilizando o programa SGVCLin - Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas (Seabra; Romano; Oliveira, 2014), foi possível gerar as cartas diatópicas e elaborar as tabelas de produtividade das variantes, bem como os gráficos relativos à produtividade das variantes por faixa etária e sexo.

ANÁLISE DOS DADOS

Para a questão 75 do QSL, foram obtidas 417 respostas, sendo 103 registradas na Região Norte e 314, na Região Nordeste. Para os agrupamentos das variantes em um rótulo lexical, foram utilizados os seguintes critérios:

Formas que apresentam alterações fonético-fonológicas: *espinhaço* > *ispinhaço*;

Substantivo seguido de adjetivo ou locução adjetiva: *espinha do cavalo*;

Formas que apresentam flexão de número: *costa* > *costas*;

Rótulo isolado com cinco ou mais ocorrências: *barriga*, *costas*, *costela*, *espinhaço*, *lombo*, *meio*, entre outros;

Variantes com menos de cinco ocorrências, agrupadas em *outras*: *assento*, *barriga*, *bucho*, *cintura*, *coluna*, *corpo*, *costela*, *dorso*, *istrivu*, *montaria*, *em cima*, *pá*, *popa*, *quarto(s)*, *sela*, *tombo*, *traseira*, *tronco* e *vazio*.

Iniciando a análise, são apresentadas, na Tabela 2, as variantes lexicais obtidas na Região Norte para nomear “a parte do cavalo onde vai a sela”, com os respectivos agrupamentos, o número de ocorrências por rótulo e percentual.

Tabela 2 - Produtividade das variantes para nomear “a parte do cavalo onde vai a sela”, na Região Norte

| Rótulos | Variantes agrupadas | Número de ocorrências | % |
|------------------|--|-----------------------|--------|
| COSTAS | <i>costa(s)</i> | 46 | 44,66% |
| LOMBO | <i>lombo</i> | 31 | 30,10% |
| ESPINHAÇO | <i>espinhaço / ispinhaço</i> | 9 | 8,74% |
| MEIO | <i>meio</i> | 6 | 5,83% |
| OUTRAS | <i>barriga / coluna / corpo / costela / em cima / pá / traseira / tronco</i> | 11 | 10,67% |
| | Total | 103 | |

Fonte: Elaborada por Espíndola (2021, p. 140), com base em dados do projeto ALiB.

Conforme o exposto na Tabela 2, na Região Norte, foram registradas 103 respostas para a questão 75 do QSL. Essas respostas foram agrupadas em cinco rótulos, incluindo o rótulo *outras*. O rótulo *costas* obteve 44,66% das ocorrências, sendo, assim, a resposta preferida entre os falantes dessa região. A variante *lombo*, por sua vez, apesar de ser a escolha lexical apontada como resposta esperada para essa pergunta, conforme Documentos 4 do Projeto ALiB (2013, p. 95), ocorreu em 30,10% dos registros, ficando em segundo lugar na preferência dos entrevistados. *Espinhaço* obteve 8,74% das respostas, enquanto a variante *meio* aparece em 5,83% das ocorrências. O rótulo *outras* (*barriga / coluna / corpo / costela / em cima / pá / traseira e tronco*) obteve 10,67% dos registros. É importante salientar que, além das 103 respostas registradas, quatro inquéritos não foram contabilizados devido aos seguintes casos: áudio incompleto e quando os informantes não lembraram ou não souberam a resposta. Embora algumas respostas sejam estranhas, especialmente por terem como referência outras partes do corpo do cavalo e de outros animais quadrúpedes, (*barriga, coluna, costela, corpo, tronco, traseira*) ou mesmo referências genéricas ou não associadas ao cavalo especificamente (*em cima, meio, pá*), decidiu-se mantê-las. Outra alternativa seria descartá-las, ou seja, considerá-las como respostas prejudicadas (RP). No entanto, nem sempre é fácil fazer isso, pois as entrevistas, de modo geral, não contemplam esclarecimentos adicionais para testar a validade das

respostas dadas pelos informantes. Há que se considerar, também, que a formulação da pergunta, às vezes, não é suficientemente clara para que o entrevistado possa responder objetivamente o que se espera, ou o inquiridor não foi hábil o suficiente para esclarecer e validar a resposta. É o caso de *em cima*. No contexto da pergunta “qual é a parte do cavalo onde vai a sela”, o informante prontamente responde: “em cima”. Em vista disso, decidiu-se manter todas as respostas, independentemente da possível invalidação quanto ao referente. Há que se observar, no entanto, que as respostas questionáveis são, em geral, de baixa frequência e, como tal, estão agrupadas no rótulo *outras*.

Esses resultados foram planilhados, conforme Tabela 3. Posteriormente, foi realizada a cartografia dos dados e sua distribuição diatópica nos pontos pesquisados na Região Norte, podendo ser visualizados na Carta 1.

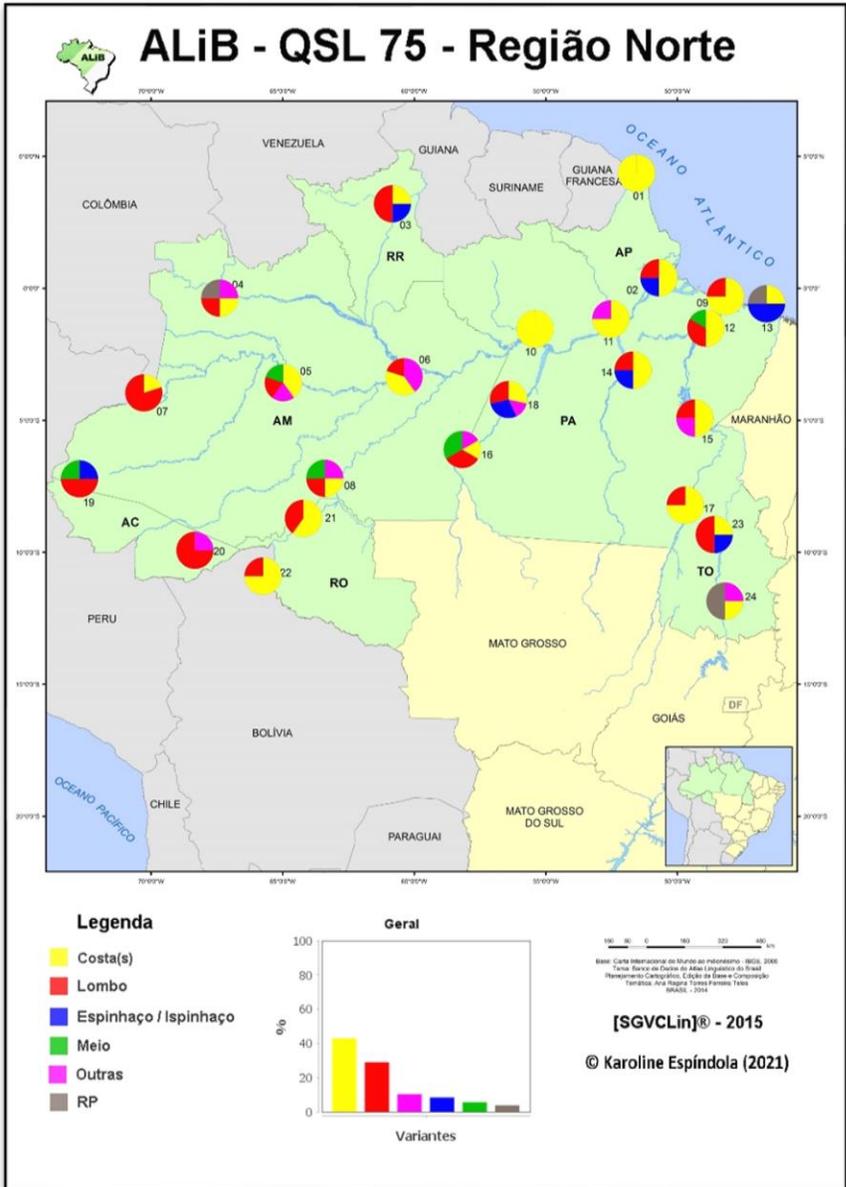
Tabela 3 – Distribuição por pontos dos resultados dos inquéritos referentes “a parte do cavalo onde vai a sela”, na Região Norte

| Estado | Ponto | Costa | | Lombo | | Espinhaço | | Meio | | Outras | | RP | |
|---------------|--------------------------------|------------|------|------------|-----|------------|-----|------------|-----|------------|-----|------------|-----|
| | | Núm. Ocor. | % | Núm. Ocor. | % | Núm. Ocor. | % | Núm. Ocor. | % | Núm. Ocor. | % | Núm. Ocor. | % |
| Amapá (AP) | 001 - Oiapoque | 4 | 100% | | | | | | | | | | |
| | 002 - Macapá | 2 | 50% | 1 | 15% | 1 | 25% | | | | | | |
| Roraima (RR) | 003 - Boa Vista | 1 | 25% | 2 | 50% | 1 | 25% | | | | | | |
| Amazonas (AM) | 004 - São Gabriel da Cachoeira | 1 | 25% | 1 | 25% | | | | | 1 | 25% | 1 | 25% |
| | 005 - Tefé | 2 | 40% | 1 | 20% | | | 1 | 20% | 1 | 20% | | |
| | 006 - Manaus | 2 | 40% | 1 | 20% | | | | | 2 | 40% | | |
| | 007 - Benjamin Constant | 1 | 20% | 4 | 80% | | | | | | | | |
| Pará (PA) | 008 - Humaitá | 1 | 25% | 1 | 25% | | | 1 | 25% | 1 | 25% | | |
| | 009 - Soure | 3 | 75% | 1 | 25% | | | | | | | | |
| | 010 - Óbidos | 4 | 100% | | | | | | | | | | |
| | 011 - Almeirim | 3 | 75% | | | | | | | 1 | 25% | | |
| | 012 - Belém | 3 | 50% | 2 | 33% | | | 1 | 17% | | | | |
| | 013 - Bragança | 1 | 25% | | | 2 | 50% | | | | | 1 | 25% |
| | 014 - Altamira | 2 | 50% | 1 | 25% | 1 | 25% | | | | | | |
| 015 - Marabá | 2 | 50% | 1 | 25% | | | | | 1 | 25% | | | |

| | | | | | | | | | | | | | |
|----------------|-----------------------------|---|-----|---|-----|---|-----|---|-----|---|-----|---|-----|
| | 016 - Jacareacanga | 1 | 17% | 2 | 33% | | | 2 | 33% | 1 | 17% | | |
| | 017 - Conceição do Araguaia | 3 | 75% | 1 | 25% | | | | | | | | |
| | 018 - Itaituba | 2 | 28% | 2 | 28% | 2 | 28% | | | 1 | 16% | | |
| Acre (AC) | 019 - Cruzeiro do Sul | | | 2 | 25% | 1 | 25% | 1 | 25% | | | | |
| | 020 - Rio Branco | | | 3 | 75% | | | | | 1 | 25% | | |
| Rondônia (RO) | 021 - Porto Velho | 3 | 60% | 2 | 40% | | | | | | | | |
| | 022 - Guajará Mirim | 3 | 60% | 1 | 40% | | | | | | | | |
| Tocantins (TO) | 023 - Pedro Afonso | 1 | 25% | 2 | 50% | 1 | 25% | | | | | | |
| | 024 - Natividade | 1 | 25% | | | | | | | 1 | 25% | 2 | 50% |

Fonte: Elaborada pelos autores, com base em dados do projeto ALiB.

Carta 1 - Distribuição diatópica das variantes para nomear “a parte do cavalo onde vai a sela”, na Região Norte



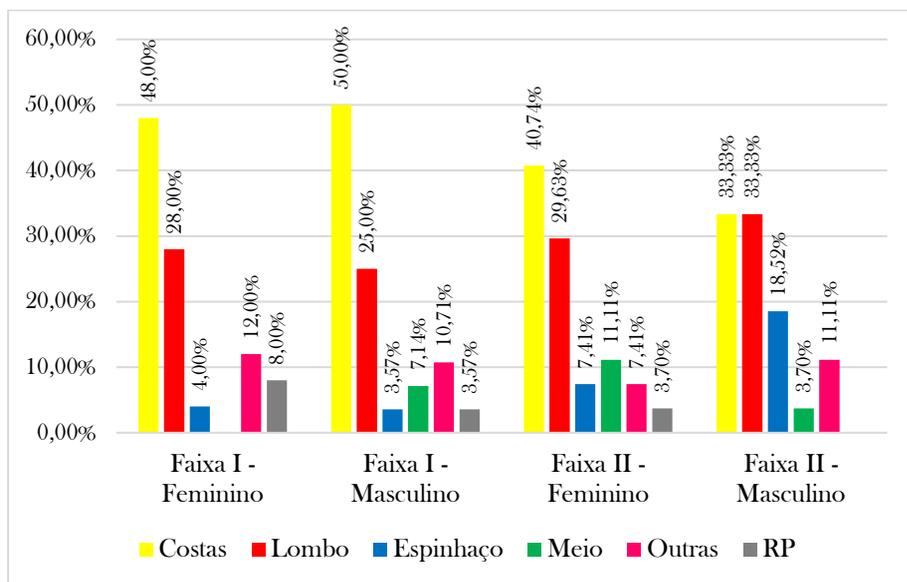
Fonte: Elaborada por Espíndola (2021, p. 142), com base em dados do projeto ALiB.

A Carta 1, além de representar a distribuição diatópica dos dados na Região Norte, contém uma legenda e um gráfico em ordem decrescente quanto ao número de ocorrência das variantes lexicais associadas a cores. Além das variantes, foram representadas as respostas prejudicadas (RP) na cor cinza. No mapa da Região Norte, constam os gráficos em forma de pizza, nos quais se representam as diferentes lexias produzidas pelos informantes em cada um dos pontos investigados, o detalhamento das respostas obtidas em cada ponto pode ser observado na Tabela 3.

A lexia *costas*, apesar de ser a variante mais produtiva em toda a região nortista, não aparece nenhuma vez no estado do Acre, que teve a variante *lombo* como a mais produtiva, com cinco ocorrências. Ainda no que diz respeito a *lombo*, essa variante aparece em todos os estados do Norte, porém, predomina no estado do Pará, com 10 ocorrências. A variante *espinhaço* não aparece nenhuma vez no Amazonas e em Rondônia. Já *meio* ocorre em três dos sete estados analisados, a saber: Acre, Amazonas e Pará. As variantes agrupadas em *outras* aparecem nos estados do Acre, Amazonas, Tocantins e Pará. Inclusive, o Pará foi o único estado em que teve a ocorrência de todas as variantes documentadas na região, incluindo as agrupadas no rótulo *outras*. As respostas prejudicadas (RP), demonstradas na Carta 1, são referentes a duas ocorrências de áudio incompleto, nas entrevistas realizadas com os informantes um e dois do ponto 024 (Natividade - TO). Já o informante quatro, do ponto 004 (São Gabriel da Cachoeira - AM), respondeu não saber a designação lexical para a pergunta e no ponto 013 (Bragança - PA), a pergunta não foi formulada para o entrevistado dois.

O Gráfico 1 mostra a distribuição das variantes por faixa etária e sexo na Região Norte.

Gráfico 1 - Distribuição das variantes para nomear “a parte do cavalo onde vai a sela”, por faixa etária e sexo, na Região Norte



Fonte: Elaborado por Espíndola (2021, p. 144), com base em dados do projeto ALiB.

Por meio do Gráfico 1, observa-se que a variante *costas* predomina entre todos os informantes, porém, entre os homens da faixa etária II, *lombo* obteve o mesmo percentual de respostas, que foi 33,33%. A variante *espinhaço* predomina nas respostas dos informantes do sexo masculino, da faixa etária II, com 18,52% dos registros, enquanto a variante *meio* é mais comum entre as mulheres da mesma faixa etária, com 11,11% do total de respostas. Isso sugere que, aparentemente, os informantes mais velhos, por terem tido mais contato com animais equinos, muares e bovinos, conhecem melhor o léxico esperado do que os mais jovens.

A segunda área geográfica a ser analisada quanto às variantes lexicais para nomear “a parte do cavalo onde vai a sela” é a Região Nordeste, cujos dados apresentam-se na Tabela 4.

Tabela 4 - Produtividade das variantes para nomear “a parte do cavalo onde vai a sela”, na Região Nordeste

| Rótulos | Variantes agrupadas | Número de ocorrências | % |
|------------------|---|-----------------------|--------|
| LOMBO | <i>lombo</i> | 132 | 42,04% |
| COSTAS | <i>costa(s)</i> | 82 | 26,11% |
| ESPINHAÇO | <i>espinhaço / ispinhaço / espinha do cavalo</i> | 53 | 16,88% |
| BARRIGA | <i>barriga</i> | 11 | 3,50% |
| MEIO | <i>meio</i> | 9 | 2,87% |
| COSTELA | <i>costela</i> | 7 | 2,23% |
| OUTRAS | <i>assento / bucho / cintura / coluna / corpo / dorso / istrivu / montaria / pá / popa / quarto(s) / sela / tombo / vazio</i> | 20 | 6,37% |
| | Total | 314 | |

Fonte: Elaborada por Espíndola (2021, p. 145), com base em dados do projeto ALiB.

Para a Região Nordeste, foram registradas 314 respostas, agrupadas em sete rótulos, distribuídos pelos nove estados nordestinos. Conforme o exposto na Tabela 4, diferentemente da Região Norte, a variante *lombo* foi a mais produtiva, com 42,04% das ocorrências. Já a variante *costas*, que obteve o primeiro lugar na preferência dos falantes nos estados nortistas, aparece em segundo lugar na Região Nordeste, com 26,11% dos registros. O rótulo *espinhaço* e as variantes a ele agrupadas (*ispinhaço* e *espinha do cavalo*) obtiveram 16,88% das respostas e mantiveram-se, novamente, em terceiro lugar na preferência dos informantes. As variantes *barriga* e *costela*, que na Região Norte foram agrupadas no rótulo *outras*, aqui aparecem em rótulos à parte, com 3,50% e 2,23% das ocorrências, respectivamente. *Meio*, agora, ficou em quinto lugar, com 2,87% dos registros. As variantes agrupadas em *outras* (*assento / bucho / cintura / coluna / corpo / dorso / istrivu / montaria / pá / popa / quarto(s) / sela / tombo e vazio*) correspondem a 6,37% das respostas. Por fim, 38 entrevistas foram consideradas como respostas prejudicadas (RP) devido a áudio incompleto, áudio prejudicado, ou quando o informante não lembrou ou não soube a resposta e, ainda, quando a pergunta não foi formulada.

O detalhamento dos dados está disposto na Tabela 5 e a Carta 2 revela a distribuição das variantes pelo território nordestino.

Tabela 5 – Distribuição por pontos dos resultados dos inquéritos referentes “a parte do cavalo onde vai a sela”, na Região Nordeste



| Estado | Ponto | Lombo | | Costas | | Espinhaço | | Barriga | | Meio | | Costela | | Outras | | RP | |
|--------------------------|--------------------------|------------|------|------------|------|------------|-----|------------|-----|------------|-----|------------|-----|------------|-----|------------|-----|
| | | Num. Ocor. | % | Num. Ocor. | % | Num. Ocor. | % | Num. Ocor. | % | Num. Ocor. | % | Num. Ocor. | % | Num. Ocor. | % | Num. Ocor. | % |
| Maranhão (MA) | 025 - Turiçu | | | 4 | 100% | | | | | | | | | | | | |
| | 026 - São Luís | | | 1 | 20% | 1 | 20% | | | | | 1 | 20% | 1 | 20% | 1 | 20% |
| | 027 - Brejo | | | | | 2 | 40% | | | | 1 | 20% | 1 | 20% | 1 | 20% | |
| | 028 - Bacabal | 1 | 25% | 2 | 50% | | | | | | | | | | | 1 | 25% |
| | 029 - Imperatriz | 2 | 50% | 1 | 25% | | | | | | | | | | | 1 | 25% |
| | 030 - Tuntum | 1 | 20% | 2 | 40% | 1 | 20% | 1 | 20% | | | | | | | | |
| | 031 - São João dos Patos | 1 | 20% | 2 | 40% | | | | | | | | | 1 | 20% | 1 | 20% |
| | 032 - Balsas | 2 | 50% | 1 | 25% | | | | | | | | | 1 | 25% | | |
| | 033 - Alto Parnaíba | 4 | 100% | | | | | | | | | | | | | | |
| Piauí (PI) | 034 - Teresina | 1 | 20% | 1 | 20% | 1 | 20% | | | 1 | 20% | | | | 1 | 20% | |
| | 035 - Pípiri | 1 | 20% | 1 | 20% | 2 | 40% | | | | | | | | 1 | 20% | |
| | 036 - Picos | 1 | 14% | 1 | 14% | 1 | 14% | 1 | 14% | | | 1 | 14% | 2 | 28% | | |
| | 037 - Canto do Buriti | 2 | 50% | 1 | 25% | | | | 1 | 25% | | | | | | | |
| | 038 - Corrente | 2 | 40% | | | 1 | 20% | | | | | 1 | 20% | | 1 | 20% | |
| Ceará (CE) | 039 - Camocim | | | 1 | 25% | 2 | 50% | | | | | | | | 1 | 25% | |
| | 040 - Sobral | 2 | 50% | | | 2 | 50% | | | | | | | | | | |
| | 041 - Fortaleza | 4 | 100% | | | | | | | | | | | | | | |
| | 042 - Ipu | | | 1 | 20% | 2 | 40% | | | 1 | 20% | | | | 1 | 20% | |
| | 043 - Canindé | 1 | 25% | | | 3 | 75% | | | | | | | | | | |
| | 044 - Cratéis | 3 | 50% | 1 | 17% | 1 | 17% | | | | | | | 1 | 17% | | |
| | 045 - Quixeramobim | | | 1 | 25% | 2 | 50% | 1 | 25% | | | | | | | | |
| | 046 - Russas | 2 | 50% | 1 | 25% | | | | | | | | | 1 | 25% | | |
| | 047 - Limoeiro do Norte | 3 | 75% | | | 1 | 25% | | | | | | | | | | |
| | 048 - Tauá | 2 | 33% | 2 | 33% | 2 | 33% | | | | | | | | | | |
| | 049 - Iguatu | | | 1 | 20% | 2 | 40% | 1 | 20% | | | | | | 1 | 20% | |
| 050 - Crato | 2 | 50% | | | 1 | 25% | | | | | | | | 1 | 25% | | |
| Rio Grande do Norte (RN) | 051 - Mossoró | 2 | 34% | 1 | 17% | 3 | 50% | | | | | | | | | | |
| | 052 - Angicos | 3 | 60% | | | 1 | 20% | | | | | | | | 1 | 20% | |
| | 053 - Natal | 2 | 28% | 1 | 14% | | | 1 | 14% | 1 | 14% | | | 2 | 28% | | |

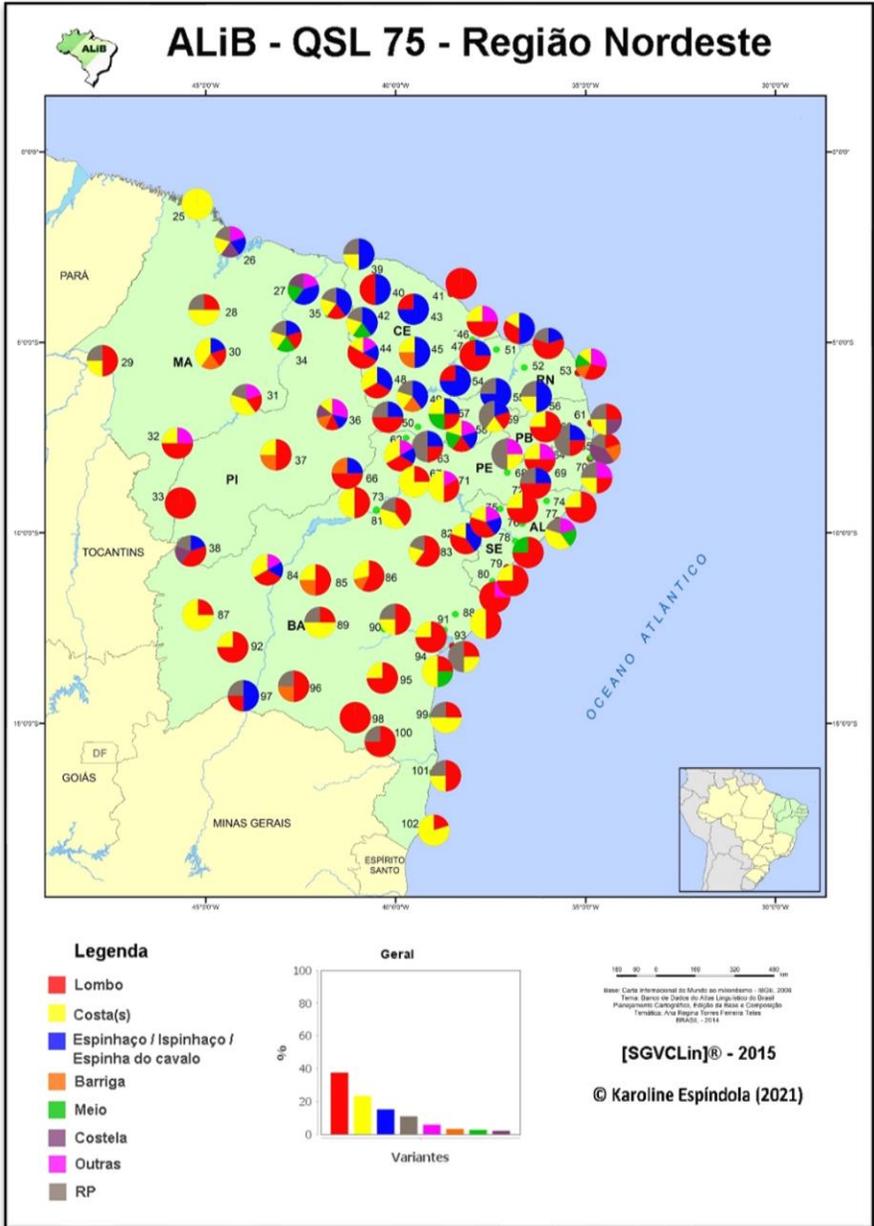


| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|-----------------|--------------------------|---|------|---|------|---|------|---|------|---|------|------|------|--|---|------|---|------|--|
| | 054 - Pau dos Ferros | 1 | 25 % | | | 3 | 75 % | | | | | | | | | | | | |
| | 055 - Caiçó | | | | | 3 | 75 % | | | | | | | | | | 1 | 25 % | |
| Paraná (PB) | 056 - Cuité | | | 1 | 25 % | 2 | 50 % | | | | | | | | | | 1 | 25 % | |
| | 057 - Cajazeiras | 1 | 25 % | 1 | 25 % | 1 | 25 % | | | 1 | 25 % | | | | | | | | |
| | 058 - Itaporanga | 1 | 20 % | 1 | 20 % | 1 | 20 % | | | 1 | 20 % | | | | 1 | 20 % | | | |
| | 059 - Patos | 1 | 20 % | 1 | 20 % | 1 | 20 % | | | | | | | | | | 2 | 40 % | |
| | 060 - Campina Grande | 3 | 75 % | 1 | 25 % | | | | | | | | | | | | | | |
| | 061 - João Pessoa | 1 | 25 % | 1 | 25 % | | | | | | 1 | 25 % | | | | | 1 | 25 % | |
| Pernambuco (PE) | 062 - Exu | 2 | 29 % | 2 | 29 % | 1 | 17 % | | | | | | | | 1 | 17 % | | | |
| | 063 - Salgueiro | 1 | 25 % | | | 1 | 25 % | | | | | | | | | | 2 | 50 % | |
| | 064 - Limoeiro | 1 | 25 % | | | 1 | 25 % | | | | | | | | | | 2 | 50 % | |
| | 065 - Olinda | 1 | 20 % | | | | | 1 | 20 % | | | 2 | 40 % | | | | 1 | 20 % | |
| | 066 - Afrânio | 2 | 25 % | | | 1 | 25 % | 1 | 25 % | | | | | | | | | | |
| | 067 - Cabrobó | 1 | 25 % | 3 | 75 % | | | | | | | | | | | | | | |
| | 068 - Arcoverde | | | 1 | 25 % | | | | | | | | | | 1 | 25 % | 2 | 50 % | |
| | 069 - Caruaru | 2 | 50 % | 1 | 25 % | | | | | | | | | | 1 | 25 % | | | |
| | 070 - Recife | 1 | 25 % | 1 | 25 % | | | | | | | | | | 1 | 25 % | 1 | 25 % | |
| | 071 - Floresta | 2 | 33 % | 3 | 50 % | | | | | | | | | | 1 | 17 % | | | |
| | 072 - Garanhuns | 2 | 50 % | | | 1 | 25 % | | | | | | | | | | 1 | 25 % | |
| | 073 - Petrolina | 2 | 50 % | 2 | 50 % | | | | | | | | | | | | | | |
| Alagoas (AL) | 074 - União dos Palmares | 3 | 75 % | 1 | 25 % | | | | | | | | | | | | | | |
| | 075 - Santana do Ipanema | 2 | 20 % | 1 | 20 % | 1 | 20 % | | | | | | | | 1 | 20 % | | | |
| | 076 - Arapiraca | 3 | 75 % | 1 | 25 % | | | | | | | | | | | | | | |
| | 077 - Maceió | | | 2 | 40 % | | | | | 1 | 20 % | | | | 1 | 20 % | 1 | 20 % | |
| Sergipe (SE) | 078 - Propriá | 3 | 75 % | | | | | | | 1 | 25 % | | | | | | | | |
| | 079 - Aracaju | 3 | 75 % | 1 | 25 % | | | | | | | | | | | | | | |
| | 080 - Estância | 3 | 75 % | | | | | | | | | | | | 1 | 25 % | | | |
| Bahia (BA) | 081 - Juazeiro | 2 | 20 % | 2 | 20 % | | | | | | | | | | | | 1 | 20 % | |
| | 082 - Jeremoabo | 2 | 40 % | 1 | 20 % | 2 | 40 % | | | | | | | | | | | | |
| | 083 - Euclides da Cunha | 3 | 60 % | 1 | 20 % | | | | | | | | | | | | 1 | 20 % | |
| | 084 - Barra | 2 | 29 % | 2 | 29 % | 1 | 17 % | | | | | | | | 1 | 17 % | | | |

| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|----------------------------|---|-------|---|------|---|------|---|------|---|------|--|--|--|--|--|--|---|------|--|
| 085 - Irecê | 2 | 50 % | 1 | 25 % | | | 1 | 25 % | | | | | | | | | | | |
| 086 - Jacobina | 4 | 57 % | 2 | 28 % | | | 1 | 14 % | | | | | | | | | | | |
| 087 - Barreiras | 1 | 25 % | 3 | 75 % | | | | | | | | | | | | | | | |
| 088 - Alagoinhas | 2 | 50 % | 2 | 50 % | | | | | | | | | | | | | | | |
| 089 - Seabra | 1 | 25 % | 2 | 50 % | | | | | | | | | | | | | 1 | 25 % | |
| 090 - Inaberaba | 2 | 50 % | 1 | 25 % | | | | | | | | | | | | | 1 | 25 % | |
| 091 - Santo Amaro | 3 | 75 % | 1 | 25 % | | | | | | | | | | | | | | | |
| 092 - Santana | 3 | 75 % | 1 | 25 % | | | | | | | | | | | | | | | |
| 093 - Salvador | 1 | 25 % | 1 | 25 % | | | | | | | | | | | | | 2 | 50 % | |
| 094 - Valença | 1 | 25 % | 2 | 50 % | | | | | 1 | 25 % | | | | | | | | | |
| 095 - Jequié | 3 | 75 % | 1 | 25 % | | | | | | | | | | | | | | | |
| 096 - Caetité | 2 | 50 % | | | | | 1 | 25 % | | | | | | | | | 1 | 25 % | |
| 097 - Carinhanha | 1 | 25 % | | | 2 | 50 % | | | | | | | | | | | 1 | 25 % | |
| 098 - Vitória da Conquista | 4 | 100 % | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 099 - Ilhéus | 1 | 25 % | 2 | 50 % | | | | | | | | | | | | | 1 | 25 % | |
| 100 - Itapetinga | 3 | 75 % | | | | | | | | | | | | | | | 1 | 25 % | |
| 101 - Santa Cruz Cabrália | 2 | 50 % | 1 | 25 % | | | | | | | | | | | | | 1 | 25 % | |
| 102 - Caravelas | 1 | 20 % | 4 | 80 % | | | | | | | | | | | | | | | |

Fonte: Elaborada pelos autores, com base em dados do projeto ALiB.

Carta 2 - Distribuição diatópica das variantes para nomear “a parte do cavalo onde vai a sela”, na Região Nordeste

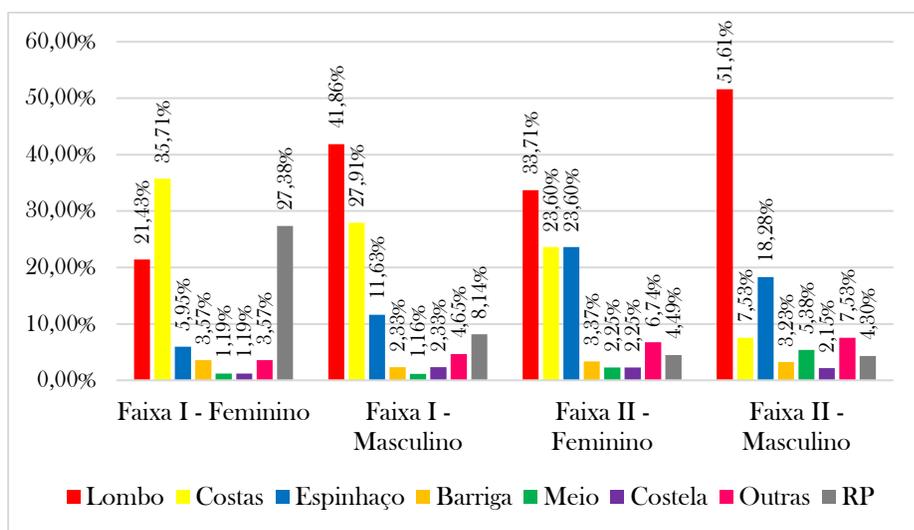


Fonte: Elaborada por Espíndola (2021, p. 146), com base em dados do projeto ALiB.

Conforme ilustra a Carta 2, *lombo* e *costas* foram as variantes mais produtivas no Nordeste, aparecendo em todos os estados. No Maranhão e no Piauí, todas as variantes foram encontradas pelo menos uma vez. O termo *espinhaço* está presente em todos os estados, exceto Sergipe, sendo mais produtivo no Rio Grande do Norte, Ceará, Paraíba e Piauí. *Barriga* não é mencionada em Alagoas, Paraíba e Sergipe. Apesar de menos comum, a variante *meio* é registrada em todos os estados, com exceção de Pernambuco. A variante *costela* é mencionada no Maranhão, Paraíba, Pernambuco e Piauí. As variantes agrupadas em *outras* são atestadas em todos os estados. Já as respostas prejudicadas não ocorreram apenas em Sergipe.

O Gráfico 2 traz a distribuição das variantes por faixa etária e sexo na Região Nordeste.

Gráfico 2 - Distribuição das variantes para nomear “a parte do cavalo onde vai a sela”, por faixa etária e sexo, na Região Nordeste



Fonte: Elaborado por Espíndola (2021, p. 148), com base em dados do projeto ALiB.

Ao observar o Gráfico 2, fica claro que, na Região Nordeste, a variante mais produtiva, tanto entre os informantes masculinos da faixa etária I, quanto os da

faixa etária II, é *lombo*, com 41,86% e 51,61% das ocorrências, respectivamente. Já a variante *costas* é mais produtiva entre as mulheres da faixa etária I, com 35,71% das respostas, e a segunda mais produtiva entre as mulheres da faixa etária II, com 23,60% das respostas, em igual percentual de uso da variante *espinhaço*. Registra-se, de acordo com os dados, que a variante *costas* é pouco frequente entre os homens da faixa etária II, com 7,53% dos registros. A variante *espinhaço* é mais comum entre os informantes da faixa etária II, sendo 23,60% das ocorrências nas respostas das mulheres e 18,28% nas respostas dos homens. É importante salientar que a soma das porcentagens do rótulo *lombo* entre os informantes mais velhos (faixa II) é de 85,32%, demonstrando uma preferência quase categórica por essa variante. Já a soma do item *costas* atingiu o índice de apenas 31,13%. Entre os mais jovens (faixa I) observa-se que ambas as variantes possuem percentual similar, sendo *lombo* com 63,29% e *costas*, 63,62%. Esses dados podem sugerir uma mudança em curso sobre as escolhas lexicais dos falantes, visto que a variante conservadora *lombo* parece estar sendo substituída pela forma inovadora *costas*, como já observado na Região Norte.

DICIONARIZAÇÃO DAS VARIANTES

Para melhor compreensão sobre o uso que os falantes fazem das variantes, foi realizada a consulta a três dicionários on-line, são eles: Aulete, Michaelis e Priberam.

O item lexical *costas* aparece no Priberam como “parte exterior do corpo desde o pescoço até à região lombar. = DORSO” e “dorso do animal. = LOMBO” e ainda “parte traseira”. Tal aceção explica a preferência de alguns falantes por *costas* em detrimento de *lombo* (variante esperada), já que ambas são consideradas sinônimas.

A variante *lombo* consta, em Aulete, como “costas, dorso” e “parte carnosa muito tenra que fica entre a espinha dorsal e as costelas, tanto de um lado quanto do outro, da rês (lombo de boi)”.

Espinhaço, por sua vez, significa, no Michaelis, “COLOQ Espinha dorsal ou coluna vertebral” e “COLOQ nos vertebrados, parte posterior do corpo, onde se encontram as vértebras; costas, dorso”. Já a variante *ispinhaço*, apesar de não estar dicionariada, foi agrupada com *espinhaço* por se tratar de variação fonética.

Já a variante *barriga* aparece, em Aulete, “nos animais vertebrados, região do corpo que contém a maior parte das vísceras; ABDOME; VENTRE” e “parte correspondente ao abdome, oposta ao dorso, nos animais; ABDOME; ABDÔMEM”.

No Michaelis, *costela* consta como “cada um dos 12 pares de ossos chatos, alongados e curvos, que se estendem das vértebras ao esterno e cujo conjunto forma a caixa torácica dos vertebrados”.

Apesar de as acepções *barriga* e *costela* não possuírem significado semântico com “a parte do cavalo onde vai a sela”, por obterem cinco ou mais ocorrências, foram consideradas como um rótulo isolado.

Das variantes com menos de cinco ocorrências, agrupadas em *outras*, *assento*, consta, no Priberam, como “[Informal] Zona das nádegas. = TRASEIRO”. *Bucho*, por sua vez, aparece também no Priberam como “estômago dos peixes e dos quadrúpedes” e “[Informal] Estômago do ser humano. = BARRIGA”. A variante *cintura* significa, no dicionário Aulete, “região do corpo humano abaixo das costelas e acima dos quadris, que forma o contorno do tronco na parte mediana e mais estreita deste”. Dos três dicionários consultados, *coluna* aparece apenas em Aulete como “coluna vertebral; RAQUE”. No Michaelis e Priberam essa variante tem significados que não possuem relação com o cavalo. *Corpo*, por sua vez, significa em Aulete “estrutura física e individualizada do homem ou dos animais” e “o tronco, de um ser humano ou animal”. A variante *dorso* aparece em Aulete como “parte posterior do corpo que se estende do pescoço à bacia; COSTAS” e “lado superior ou posterior de qualquer parte do corpo ou de qualquer objeto”. No Michaelis significa “nos vertebrados, parte ao longo da qual corre a coluna vertebral; espinhaço” e, no Priberam, a acepção para *dorso* aparece como “parte superior do corpo dos quadrúpedes. = LOMBO”. *Montaria* consta, em Aulete, como “cavalo que se pode montar; CAVALGADURA”. Por fim, a variante *tronco*, no Michaelis, significa “a parte mais volumosa do corpo do homem e dos outros animais, excluindo-se a cabeça e os membros; talhe, torso”.

As variantes *meio*, *pá*, *popa*, *quarto(s)*, *sela*, *tombo*, *traseira* e *vazio* foram encontradas nos dicionários consultados, porém, não possuem relação semântica com “a parte do cavalo onde vai a sela”. Já as variantes *em cima*, *espinha do cavalo* e *istrivu*, não foram encontradas nos três dicionários utilizados para consulta. Vale ressaltar que a variante *istrivu* é uma variação fonética de *estribo*, que consta no

Priberam como “peça em que o cavaleiro apoia o pé”. No entanto, devido à sua baixa produtividade, essa variante foi agrupada no rótulo *outras*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os dados apresentados neste trabalho, verificou-se como ocorre a distribuição lexical das variantes para nomear “a parte do cavalo onde vai a sela” nas regiões estudadas. Os dados revelaram a preferência dos falantes pelo item *costas* na Região Norte (44,66%) e *lombo* na Região Nordeste (42,04%).

Comparando as duas regiões, nota-se que as variáveis extralinguísticas, faixa etária e sexo, aparentemente mostraram-se relevantes nesta questão, visto que a variante *costas* predominou na fala de homens e mulheres mais jovens (Faixa I), na Região Norte, enquanto que *lombo* foi mais expressivo entre os informantes mais velhos (Faixa II). Isso demonstra uma tendência da substituição do léxico *lombo* por seu sinônimo *costas*. Já na Região Nordeste, a lexia *lombo*, considerada mais conservadora, foi predominante na fala da maioria dos informantes, com exceção das mulheres jovens, que preferiram o léxico *costas*.

Ademais, por não haver respostas categóricas e mesmo alta produtividade de variantes associadas a um espaço geográfico específico, não foi possível traçar nenhuma isoléxica nas áreas investigadas ou, dito de outra forma, não foi possível constatar arealização relevante.

Quanto à inclusão dessas variantes nos dicionários, muitas delas foram encontradas nas obras lexicográficas consultadas, explicando, assim, a preferência dos falantes por determinada variante; no entanto, ao se analisar algumas das outras lexias, nota-se que parte delas não são semanticamente relacionadas à região anatômica do cavalo abordada na questão 75 do QSL.

Por fim, espera-se que este estudo contribua com a pesquisa sobre a descrição do português falado no Brasil, especialmente no que concerne à variação lexical, oferecendo aspectos cruciais para a compreensão e o conhecimento das diversas variantes dialetais em uso no português brasileiro.

REFERÊNCIAS

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS). Introdução, Cartas fonéticas e morfossintáticas. ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.) et al. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011 [2002a].

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS). Cartas semântico-lexicais. ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo (orgs.) et al. 1ª. Ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

ARAGÃO, M. do S. de; BEZERRA DE MENEZES, C. Atlas Linguístico da Paraíba. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

AGUILERA, V. de A. Atlas Linguístico do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001, p. 13- 22.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?. GELNE: Grupo de estudos linguísticos do Nordeste, v. 4, n. 2, 2002.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino *et al.* Documentos 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Vento Leste, 2013, 147p.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. Atlas Linguístico do Brasil: introdução. 1. ed. Londrina - PR: Editora da Universidade Estadual de Londrina - UEL, 2014a. v. 1. 210p.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. Atlas Linguístico do Brasil: cartas linguísticas 1. 1. ed. Londrina - PR: Editora da Universidade Estadual de Londrina - UEL, 2014b. v. 1. 367p.

DICIONÁRIO AULETE. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 24 fev. 2024.



DICIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 24 fev. 2024.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/>>. Acesso em: 24 fev. 2024.

ESPÍNDOLA, Karoline. Variantes léxico-semânticas de patas dianteiras, crina do pescoço, crina da cauda, lombo e garupa nos dados do ALiB: revelações geossociolinguísticas. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2021, 210p.

FERREIRA, C. et al. Atlas Linguístico de Sergipe. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Disponível em: <https://alib.ufba.br/>. Acesso em: 23 fev. 2024.

RIBEIRO, J. et al. Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977. v. 1.

ROSSI, N. et al. Atlas Prévio dos Falares Baianos. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SEABRA, Rodrigo Duarte; ROMANO, Valter Pereira; OLIVEIRA, Nathan. 2014. [SGVCLin] - Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas. Versão 1.1. Mídia em CD-ROM e manual explicativo impresso.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: RAENDONCK, D. V. et al. (Orgs.). Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes. Bruxelles, 1998, p. 367-409.

Recebido em 29-02-2024

Aprovado em 03-05-2024